

**Histórias e memórias do Coronel Américo Teixeira em Cachoeira da Prata,
Minas Gerais.**

Bruno de Araújo Mendes*

Resumo: O objetivo central deste artigo é analisar alguns aspectos da construção da memória de Américo Teixeira Guimarães em Cachoeira da Prata, processo responsável por sua transformação em símbolo da história deste município. Para tanto, utilizamos fontes escritas, orais e iconográficas que evidenciam que esse processo foi iniciado a partir de esforços do próprio Américo e esteve relacionado ao seu reconhecimento como uma poderosa autoridade local. Imortalizado como um “coronel moderno e progressista” na memória da população local, esse estudo de caso busca contribuir para o desenvolvimento de pesquisas que versam sobre a história de localidades e regiões onde o fenômeno do “coronelismo” se manifestou com vigor nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: memória – história local - coronel

Abstract: The central objective of this article is to analyze some aspects of the construction of the memory of Américo Teixeira Guimarães in Cachoeira da Prata, responsible process for his transformation in symbol of the history of this city. In such way, we use textual, oral and iconographic documents that evidence that this process was initiated when Américo was still alive and was related to his recognition as a powerful local authority. Immortalized as “modern and progressive coronel”, this case study search to contribute for the research that turns on the history of localities and regions where the phenomenon of the “coronelismo” have revealed with vigor in the first decades of century XX.

Keywords: memory, local history, “coronel”

01. Introdução

Este artigo é um dos primeiros resultados do projeto de mestrado “Histórias e Memórias de Cachoeira da Prata”, desenvolvido no departamento de pós-graduação do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC / FGV.

Nosso objetivo principal neste texto é analisar alguns aspectos da construção da memória de Américo Teixeira Guimarães em Cachoeira da Prata, processo responsável por sua transformação em símbolo da história do município. Para fazer essa abordagem as principais fontes utilizadas foram documentos oficiais da fábrica de tecidos Cachoeira de Macacos, entrevistas de história oral, livros do arquivo da Escola Municipal Coronel Américo Teixeira e fotografias de um acervo particular.

* Mestrando em Bens Culturais e Projetos Sociais no Departamento de Pós-Graduação do CPDOC / FGV e graduado em História pela FAFICH/UFMG

Após fazermos uma breve caracterização do contexto geográfico e histórico da localidade, apresentaremos essas fontes como evidências de que o processo construção da memória desse personagem foi iniciado quando este ainda estava vivo e esteve associado ao reconhecimento de sua autoridade na vila fabril de Cachoeira de Macacos. Esse processo consolidou no imaginário local a figura de Américo Teixeira como um “coronel poderoso, moderno e progressista”.

Ao discutir algumas características e especificidades desse processo, acreditamos que esse estudo de caso pode contribuir para os debates e pesquisas que versam sobre a história de localidades onde o fenômeno que ficou conhecido na historiografia brasileira como *coronelismo* se manifestou nas primeiras décadas do século XX.

2. Caracterização geral de Cachoeira da Prata

O município de Cachoeira da Prata encontra-se a aproximadamente cem quilômetros de Belo Horizonte, em sentido noroeste. O acesso principal, a partir da capital mineira, pode ser feito pela BR 040 em direção a Sete Lagoas, até o trevo da rodovia MG 238, que leva à sede urbana de Cachoeira da Prata.

Inserido na sub-bacia do ribeirão Macacos, o município foi emancipado em 30 de dezembro de 1962 com o nome de Cachoeira dos Macacos, designação substituída por Cachoeira da Prata, em 1975. O ribeirão Macacos drena a maior parte das águas fluviais do município, lançando-as no rio Paraopeba que, por sua vez, deságua no rio São Francisco. O vale do rio Paraopeba abrange trinta municípios e Cachoeira da Prata está situada na região do baixo Paraopeba.

A área total do município é 61,21 km², sendo o terceiro menor em extensão territorial do estado de Minas Gerais. Ele é formado pelo distrito sede e possui apenas um povoado fora da zona urbana. A população, segundo dados do IBGE para o ano de 2005, é de 3.858 habitantes, sendo que 93 % da mesma é residente na área urbana. Atualmente, suas principais atividades econômicas são a indústria têxtil, a agricultura e pecuária de subsistência, a extração de areia e a produção de carvão vegetal.



Fonte: IGA (Instituto de Geociência Aplicada) - 10/05/1999

O surgimento deste município esteve profundamente associado à fundação da Sociedade de Fiação e Tecidos Cachoeira de Macacos, indústria têxtil algodoeira instalada no ano de 1886 em Inhaúma, distrito de Sete Lagoas. Localizada na margem direita do ribeirão Macacos, nas proximidades da fazenda Riacho Fundo, essa fábrica é uma das indústrias que, no final do século XIX e início do século XX, fizeram a região central de Minas Gerais ser reconhecida como o principal centro manufatureiro de tecidos do estado. A maior parte das fábricas têxteis dessa região eram empresas de pequeno e médio porte que, apesar de possuírem uma importância limitada no âmbito nacional, trouxeram grandes transformações tecnológicas, sócio-econômicas e demográficas para seus arredores. (JACOB,1911: 273)

Na antiga vila fabril de Cachoeira de Macacos, essas transformações se acentuaram com a chegada da Estrada de Ferro Central do Brasil que, através da Linha do Centro, alcançou Sete Lagoas em 1896, ligando o sertão centro-mineiro ao porto do Rio de Janeiro. Distante aproximadamente 30 quilômetros da estação ferroviária mais próxima, o advento do transporte ferroviário, associado à industrialização têxtil, faria com que, no início do século XX, Cachoeira de Macacos experimentasse inovações ainda pouco conhecidas em sua região, como a luz elétrica e o cinema, por exemplo.

Constituída pelas instalações da fábrica, residências de operários e dirigentes e outras edificações dedicadas ao comércio e serviços de educação, lazer e saúde, essa vila fabril poderia ser compreendido como uma “fazenda industrial” onde o regime de funcionamento da fábrica esteve associado ao “(...) controle direto da força de trabalho não somente na produção, mas também em outras esferas de vida dos trabalhadores fora da fábrica, através principalmente do recurso estratégico da moradia (...)”. (LOPES, 1988: 38)

Com uma população de aproximadamente 1.500 pessoas em meados do século XX, Cachoeira de Macacos era uma vila fabril particular, na qual o poder da fábrica impunha-se de

maneira preponderante. Até 1962, ano da emancipação municipal, esse poder era personificado pelo cargo de gerente da companhia, reconhecido pela população local como o “mandatário geral” da localidade.

Entre todas as pessoas que ocuparam esse posto, o que mais se destaca nas narrativas memorialísticas é o primeiro dos gerentes: Américo Teixeira Guimarães. Nascido em 1861 e falecido em 1947, Coronel Américo, como ficou conhecido, ocupou o cargo de gerente da companhia entre 1888 e 1913. Acreditamos que o desempenho de Américo na função de gerente da companhia foi um dos principais fatores que possibilitaram sua elevação ao status de *coronel*, imagem com a qual foi imortalizado na memória da população local. Sua trajetória como Coronel Américo, narrada em depoimentos e registrada em fotos e textos, revela que a história de Cachoeira da Prata pode ser compreendida como uma manifestação de suas intenções individuais, pois a criação e desenvolvimento da cidade são atribuídos às suas ações.

3. Coronel Américo Teixeira: tempo de construir uma imagem.

Partindo da iniciativa privada para realizações consideradas de interesse público, a trajetória de Coronel Américo passou tanto pelo reconhecimento de seu valor como gestor de negócios como pela acentuação de sua personalidade progressista, aberto aos avanços tecnológicos e incentivador da educação popular.

Do chão da fábrica para a escola, Américo se tornou o principal ator da construção simbólica de sua própria imagem. Utilizando recursos clássicos como a toponímia e o “elogio público” como algumas de suas principais estratégias para se tornar lembrado, o Coronel Américo marcou definitivamente a memória e a história de Cachoeira da Prata.

3.1. Américo Teixeira: industrial de sucesso

A primeira fonte que, em nossa interpretação, expressa as intenções de Américo Teixeira de se firmar como um ícone do desenvolvimento industrial local e regional foi encontrada na *Revista Industrial de Minas Gerais*, organizada por professores da Escola de Minas de Ouro Preto e publicada pela primeira vez no ano de 1893.

Na edição n.7 de 1894 foi divulgado, na íntegra, o relatório apresentado pela diretoria da fábrica de Cachoeira de Macacos aos seus sócios, na assembléia de balanço contábil do ano de 1893. Neste relatório é verificado um dado que poderíamos considerar extraordinário para qualquer empresa: um lucro de 44 % em apenas um ano. Além de comemorar esse lucro

recorde, o relatório enfatiza que, em seis anos, foram distribuídos em forma de dividendos aos sócios 106% do capital social da companhia¹.

No parecer dado pelo conselho fiscal, esse resultado é atribuído, em grande parte, ao trabalho de Américo Teixeira Guimarães, “(...) digno gerente, cujo desempenho na gestão dos negócios da companhia é *ilimitado*, não poupando esforços no cumprimento da árdua tarefa de seu cargo, sentindo faltar-nos expressões que bem possam salientar os méritos d’esse eminente cidadão (...)”².

A divulgação desse relatório da empresa em uma revista organizada e publicada em um ambiente acadêmico expressa, em nosso entender, tanto os interesses da companhia em divulgar sua saúde contábil como os interesses do próprio gerente de ser reconhecido publicamente como um gestor de desempenho “ilimitado”.

3.2. Américo Teixeira: progressista.

A partir da experiência de Cachoeira de Macacos, Américo Teixeira participaria da fundação de outras quatro fábricas de tecidos, dois bancos e uma usina de açúcar. Sua ascensão como industrial foi prolongada, percorrendo o período entre as décadas de 1880 e 1930. Nesse processo, a vila fabril de Cachoeira de Macacos era sua principal residência e também um cartão de visitas. No local, Américo poderia usufruir e expor os novos adventos de progresso que a inserção no mundo industrial trazia.

Entre esses adventos estava o estabelecimento de meios de comunicação que pudessem facilitar a circulação de pessoas, informações e produtos de importação e exportação, etc. Uma das soluções apresentadas por Américo para esses problemas viria em 1905, quando, como vereador da Câmara Municipal de Sete Lagoas, pediu licença para a construção de uma das primeiras estradas de rodagem de Minas Gerais que ligaria Cachoeira de Macacos a estação ferroviária mais próxima. Todas as despesas dessas obras correriam por conta da companhia têxtil que teria também o direito de controlar o tráfego e utilizar comercialmente a estrada. (DRUMMOND, 1977:36) Após a construção da estrada, um outro passo foi dado: a importação de rodas de ferro e a fabricação de grandes carroças puxadas por bois para transportar maior volume de produtos e mantimentos. Ainda assim a localidade permanecia relativamente isolada, pois somente o trajeto de ida para Sete Lagoas demorava

¹ Companhia Têxtil de Cachoeira de Macacos. *Relatório apresentado à Assembléia Geral Ordinária* In: **Revista Industrial de Minas Gerais**. Anno I, vol. 7. abril de 1894. p. 170-171.

² Companhia Têxtil de Cachoeira de Macacos. *Parecer do Conselho Contábil* In: **Revista Industrial de Minas Gerais**. Anno I, vol. 7. abril de 1894. p. 171-172.(grifo nosso)

em torno de um dia e meio e exigia que a fábrica mantivesse um pasto para os animais e ponto de dormida para os carroceiros. (FREITAS, 1995:53)

Em 1917, um terceiro passo foi dado: a importação de um veículo produzido na Alemanha e que ficaria conhecido na região como locomóvel. A expectativa era que, com esse equipamento, o percurso de ida e volta a Sete Lagoas passasse a ser realizado em menos de um dia. Recebido com grande ansiedade em Cachoeira de Macacos, o locomóvel era um inovação que prometia encurtar a distância entre a fábrica e a ferrovia, sendo uma das formas de abrir caminho para o progresso. Certamente, por tudo isso, o locomóvel tinha nome estampado em sua dianteira: Américo.

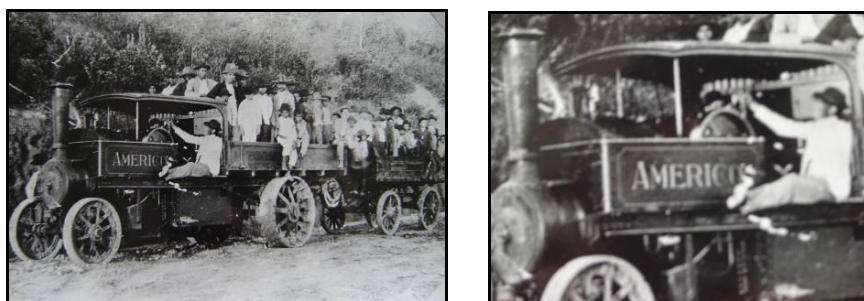


Figura 1 – Locomóvel

Figura 2 – Detalhe de inscrição “Américo” no motor do locomóvel

Acervo Particular de Eugênio de Freitas (sem data)

3.3. Américo Teixeira: incentivador da educação.

Após ter seu nome gravado no locomóvel, o nome Cel. Américo Teixeira é dado à escola local em 1926. Ainda não encontramos informações precisas sobre a data de criação das primeiras turmas escolares de Cachoeira de Macacos, contudo, sabemos que Américo se envolveu diretamente em ações educativas para a população local e que em 1911 já havia quatro turmas escolares para atender as crianças da vila fabril e redondezas³.

No dia 1º de maio de 1928, essas turmas foram unificadas e instaladas as “(...) Escolas Reunidas ‘Cel. Américo Teixeira’, cuja inscrição se fez colocar na fachada do prédio e cuja homenagem não podia ser mais justa àquele ilustre Sr., digno diretor da ‘Cia Cachoeira de Macacos’, venerável benemérito dessa localidade.⁴”

³ Manuscrito denominado “Evolução da Cia. Têxtil Cachoeira de Macacos 1886-1967”. Encontrado e fotocopiado dos arquivos da Companhia Cachoeira Velonorte S/A. Autor desconhecido. Sem data.

⁴ Arquivo da Escola Municipal Cel. Américo Teixeira. Livro de atas das “Escolas Reunidas Cel Américo Teixeira” (1928-30) p.1.

Apesar dessa inscrição ter sido feita no ano de 1928, um outro documento encontrado nos arquivos da atual Escola Municipal Cel. Américo Teixeira aponta que essa denominação foi dada em 1926, em um evento que contou com a presença do presidente de Minas Gerais, Fernando de Melo Viana, e no qual foram afixadas duas grandes fotos na escola, uma de Cel. Américo e outra de Melo Viana⁵.



Figura 3 – Fotografia com moldura de Cel. Américo Teixeira, afixada na escola em 1926.

**Figura 4 – Detalhe da fotografia de Cel. Américo Teixeira
Acervo da Escola Municipal Cel. Américo Teixeira**

A imagem de Américo Teixeira, ou melhor, do Coronel Américo Teixeira, estava inserida assim nos corredores da escola, na fachada do prédio e em visitas esporádicas que esse personagem fazia em datas comemorativas⁶. Seus incentivos à educação formal ganhavam repercussão também entre autoridades regionais, como é destacado pelo presidente da 75^a Federação Escolar, Arthur Mendonça Mafra, em uma de suas inspeções feitas a escola da vila:

Fato talvez único no Brasil vim observar em Cachoeira de Macacos: os alunos de suas escolas tem freqüência remunerada (...) tamanha benevolência que, por si só, orienta a formação moral e intelectual de um povo, exige que se fuja das normas oficiais em documentos como este e se mencione o nome do inspirador desse movimento de alto civismo(...) refiro-me ao exmo. sr. Cel. Américo Teixeira Guimarães.⁷

Apesar de não mencionar que somente os alunos que trabalhavam na fábrica recebiam a referida remuneração, Arthur Mafra deixa bastante claro que o Cel. Américo Teixeira, por

⁵ Arquivo da Escola Municipal Cel. Américo Teixeira. **Livro inventário das escolas de Cachoeira de Macacos. 1926-1928.** p.1.

⁶ São recorrentes as menções que se fazem à presença do Cel. Américo em eventos comemorativos.

⁷ Arquivo da Escola Municipal Cel. Américo Teixeira. **Livro de Termo de Visitas de Inspeção 1927 -1928.** p.30.

sua própria iniciativa e inspiração, era um incentivador da “educação popular” que merece ser reconhecido publicamente.

Como já mencionamos, esse reconhecimento público estava em pleno curso na década de 1920 e se expressava, sobretudo, através da toponímia da escola local e do “elogio público” feito por personalidades do governo estadual. Não sabemos ainda se essa homenagem foi uma iniciativa do próprio Coronel Américo ou de outras pessoas. Temos certeza, no entanto, que essas iniciativas foram realizadas enquanto ele estava vivo e que, dificilmente, esse personagem autorizaria a associação de seu nome a algo que não o representasse como ele gostaria de ser representado.

Neste sentido, é importante ressaltar que a inscrição “Coronel Américo Teixeira” possibilita que a imagem desse personagem seja, ao mesmo tempo, associada ao tema da educação e à sua consolidação como uma autoridade local, ou melhor, como “o coronel” de Cachoeira de Macacos.

3.4. Américo Teixeira: símbolo de autoridade.

Ainda temos diversas dúvidas a respeito da forma e do momento que Américo se transforma em coronel. Podemos inferir, a partir das informações citadas acima, que em 1926, aos 64 anos, quando seu nome passa a denominar a escola, sua imagem pública como coronel estava totalmente consolidada no imaginário da população local.

Na realidade, mais do que se projetar como o principal personagem da história de Cachoeira de Macacos, Américo Teixeira, ao desempenhar o cargo de gerente da fábrica entre 1887 e 1913, foi o responsável por uma tradição de gestão da vila fabril. Nessa tradição, o “gerente” é reconhecido como o “mandatário geral” da localidade, responsável por questões administrativas, técnicas, trabalhistas, assim como pela infra-estrutura de serviços, seleção de operários, solução de desavenças pessoais, entre outros elementos do cotidiano da vila fabril.⁸

Após ser reconhecido como um gestor de “capacidade ilimitada”, o Cel. Américo buscou ser reconhecido, também, como um homem de “poderes ilimitados”. Ele era o “homem do boi voava” na imagem de Geraldo Pereira da Rocha que foi trazido pelo próprio coronel para trabalhar na fábrica.

⁸ Em diversos depoimentos percebemos como o cargo de gerente tornou uma referência central na gestão da fábrica e da vila. Destaca-se o relato de Doutor Geraldo Pereira que foi gerente em meados do século XX. ROCHA, Geraldo Pereira. *Geraldo Pereira da Rocha (depoimento, 2006)*. Cachoeira da Prata, Prefeitura Municipal de Cachoeira da Prata, 2006.

*(...) era o homem do boi, do boi voava, como eu falava. Isso porque a opinião dele aqui, e a ordem dele aqui, ninguém discutia, ninguém discutia. Ele, diretor da fábrica, e o genro dele, Júlio Moreira, numa reunião da fábrica no fim do ano... (discutiram) a distribuição dos dividendos, participação dos empregados, donativo, aquela coisa toda. O coronel chegava e falava: "Eu quero isso, assim, assim." Os outros às vezes discordavam dele, e aí discutiam com ele. Ele falava: "Não. Vamos fazer uma coisa, eu vou lá em casa tomar um café e fumar um cigarrinho de palha; a hora que voltar, vocês decidam, mas desde que seja de acordo com minha vontade. Vocês resolvendo de acordo com a minha vontade, tá tudo bem." Agora a vontade dele é fazer o que ele queria, não tinha dúvida nenhuma. Ele é que mandava tudo.*⁹

Na realidade, esse depoente poderia ser reconhecido como um sucessor de Coronel Américo na gestão da fábrica e de sua vila. Bacharel em advocacia e filho de um antigo gerente da companhia, Geraldo Pereira saiu de Cachoeira de Macacos aos 14 anos e voltou aos 26 anos de idade para trabalhar na companhia. Sua carreira como industrial iniciou-se dentro da vila fabril de Cachoeira de Macacos a partir de 1938, quando, por um desentendimento entre os dirigentes da fábrica, foi trazido pelo próprio Coronel Américo para ocupar o cargo de subgerente, alcançando o posto de gerente em 1944 e de diretor em 1966.¹⁰

Poderíamos dizer que, Doutor Geraldo, como ficou conhecido localmente, ao longo desse processo, acabou por materializar a “herança” deixada pela forma da administrar do Cel. Américo Teixeira. Segundo o próprio Doutor Geraldo, desde sua volta para Cachoeira de Macacos, o Cel. Américo ia a sua “(...) casa todo santo dia. Na hora do almoço, eu estava almoçando e ele estava conversando comigo; acabava de almoçar, ia embora. À tarde eu saía da fábrica, (...) jantava e ia para casa dele(...).”¹¹ A forma como esse depoente descreve essa relação, deixa evidente a disposição do coronel em acompanhar a formação de Geraldo Pereira como gestor da fábrica. Essa idéia é reforçada ainda mais quando, aos 94 anos de idade, Geraldo Pereira revela que não entendia absolutamente nada de indústria têxtil antes de começar a trabalhar na companhia¹².

A combinação entre suas relações familiares, o status de bacharel em advocacia e uma orientação pessoal e profissional do Cel. Américo permitiram que o Doutor Geraldo permanecesse por mais de duas décadas no controle das ações executivas da fábrica. Analisando seu trabalho como gerente, ele ressalta que “(...) tudo pertencia à fábrica (...) e a

⁹ ROCHA, Geraldo Pereira. **Depoimento de Geraldo Pereira da Rocha**. Cachoeira da Prata: 2006.p.17

¹⁰ Companhia Têxtil Cachoeira de Macacos. *Evolução da Cia. Têxtil Cachoeira de Macacos / 1886 – 1967*.

Autor desconhecido. Sem data.

¹¹ ROCHA, G. P. Idem, p. 21.

¹² ROCHA, G. P. Idem, p. 12.

fábrica é que mandava em tudo. Eu estava na fábrica, eu era parteiro, eu era advogado, eu era... tudo que tinha aqui, que girava em torno da fábrica, recaia tudo sobre mim”.¹³

A ascensão de Doutor Geraldo na gestão da fábrica e de sua vila operária pode ser interpretada como mais uma das evidências que revelam a intencionalidade de Américo Teixeira Guimarães em se inscrever como um personagem que deixa um legado marcante para a história local.

No controle das ações executivas da companhia, Doutor Geraldo, poucos anos após a morte do coronel em 1947, iniciou um processo de modernização de toda vila fabril, modificando seus processos de produção e sua paisagem arquitetônica. Apesar das enormes mudanças promovidas por ele, estratégias similares às utilizadas pelo Coronel Américo para manter a autoridade em Cachoeira de Macacos, como o paternalismo e o clientelismo, serão mantidas pela direção da fábrica de tecidos durante a gerência de Doutor Geraldo.

4. Conclusão

Neste texto, analisamos brevemente fontes que nos permitem trabalhar com um dos aspectos mais significativos da história da memória de Cachoeira da Prata; a transformação de Américo Teixeira em símbolo da formação histórica da cidade. Através dessas fontes, pudemos constatar que esse processo foi desencadeado por esforços do próprio Américo e possibilitou que esse personagem se projetasse como uma referência fundamental para compreensão da história local. Seja como gestor de capacidade “ilimitada”, como promotor da evolução tecnológica ou como incentivador da educação popular, a forma como Américo se mostra publicamente revela que os recursos da toponímia e do “elogio público” eram estratégias que, em última instância, reafirmavam sua posição como autoridade mais poderosa da antiga vila fabril de Cachoeira de Macacos. Inserido no contexto cultural e político brasileiro do início do século XX, as reinvenções que Américo faz de si foram, ao longo de décadas, condensadas e sintetizadas em uma representação maior que o retrata como um “coronel poderoso, moderno e progressista”.

Ciente que sua trajetória como homem de negócios e como chefe político produziria um legado que marcaria a história local, o Coronel Américo, nos últimos dez anos de vida, escolheu e orientou o jovem advogado Geraldo Pereira para sucedê-lo na direção da companhia. Ao tentar materializar sua liderança na formação desse novo *dirigente-doutor*, é possível dizer que o coronel buscava reinventar a própria tradição de gestão que ele criara

¹³ ROCHA, G. P. Idem, p. 13

para a fábrica e sua vila. Dessa forma, Américo abriu espaço para que um amplo processo de modernização pudesse “tomar conta” da antiga Cachoeira de Macacos, sem, contudo, colocar em risco a autoridade da fábrica que, por muitos anos, fora por ele personificada na localidade.

Referências bibliográficas:

- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- DRUMMOND, Joaquim Dias. **O passado compassado de Sete Lagoas**. Prefeitura Municipal de Sete Lagoas, 1977.
- FREITAS, Eloy Augusto. **Cachoeira do Macacos – o sonho de um pioneiro**. Edição em homenagem à Eloy de Freitas, Brasília, 1995.
- GOMES, Ângela de Castro. **Minas e os fundamentos do Brasil Moderno**. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- GIROLETTI, Domingos. **Fábrica, convento, disciplina**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.
- JACOB, Rodolpho. **Minas Geraes no XX^o século**. Rio de Janeiro: Gomes, Irmão & C., 1911.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto : o município e o regime representativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- LOPES, Jose Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: UnB, 1988.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRA DA PRATA. **Inventário de Bens Culturais do município de Cachoeira da Prata**. Cachoeira da Prata, 2005.
- STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil - 1850/1950**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.